

Eleição repõe Brasil no noticiário internacional

LILIAN QUAINO

Após perder espaço no noticiário para o massacre de estudantes na China, para a ofensiva à máfia da cocaína na Colômbia e para as mudanças no Leste europeu, o Brasil volta a ser notícia nos maiores jornais e revistas do Mundo, que acompanham de perto a primeira eleição presidencial em 29 anos. Os correspondentes estrangeiros confirmam que a impopularidade do Governo Sarney na Europa e nos Estados Unidos não permitiu que o País fosse notícia constante e limitou o noticiário ao crescimento da inflação e ao insucesso das medidas econômicas.

Sem uma pauta escolhida, os correspondentes ficam livres para agir. A maioria, porém, tem uma pauta em comum: os dois "Brasis" que vão às urnas amanhã.

Charles Vanhecke, do jornal francês "Le Monde", pretende escrever uma análise sobre o Brasil que elegerá o Presidente:

— O Brasil de hoje ostenta enorme abismo social em sua população. São dois países.

Sob o tema "Sucessão presidencial no Brasil", o correspondente da agência soviética Novosti, Vladislav Dmitrenko, escreveu sobre a distância entre as classes sociais brasileiras, resultado do milagre econômico, na qual "as amplas camadas sociais que participaram da grandeza do Brasil foram relegadas a segundo plano." Já o correspondente francês prefere não fazer previsões:

— As pesquisas apresentam números diferentes, de acordo com vários institutos. Não sei dizer quem é de esquerda e quem é de direita. Não considero Brizola de esquerda. O

PDT é populista e seu chefe um caudilho autoritário. Também não sei dizer se Collor é de direita. Enquanto tem em sua equipe gente que trabalhou com Dilson Funaro, um reformista, recebe apoio dos banqueiros e grandes empresários.

Mac Margolis, correspondente da revista americana "Newsweek", já escreveu sobre o comportamento do eleitor brasileiro:

— Há muita mobilidade entre os partidos, o que significa que existe algo mais do que a própria sigla, como laços pessoais ou regionais.

Vanhecke pretende escrever sobre o que chama de candidatos facciosos, como Enéas ou Marronzinho. Ele concorda que os partidos são pouco estruturados e "só o PT pode ser considerado um partido". René Capriles, correspondente do jornal "Diário", de La Paz, tem dado um enfoque diferente às reportagens so-

bre a eleição, vinculando-a aos cem anos da República.

— Esta eleição é um marco histórico. Agora, o Brasil terá mais legalidade e uma responsabilidade diferente, pois será obrigado a fazer valer sua Constituição.

Para outra reportagem, René fez uma pesquisa entre cem eleitores latinos que mostraram intenção de votar em Brizola e em Maluf.

O crescimento da esquerda e o sucesso do candidato do PCB, Roberto Freire, levaram Dmitrenko a escrever a reportagem "Na próxima esquina, vire à esquerda". Segundo disse, é surpreendente que, depois de 20 anos de regime militar de direita, o brasileiro já encare com menos temor a existência de um candidato comunista, embora admita que ainda há muito preconceito.

Dmitrenko não envia notícias diárias à União Soviética, mas artigos

que são veiculados em cerca de 500 jornais e revistas. Ele explica que sua função é captar as cores e os aromas do País. Para isso, não há melhor local do que a Cinelândia, palco de manifestações políticas. E ali aonde vão também outros correspondentes sentir o clima que envolve o Rio às vésperas das eleições.

A economia também é tema das reportagens. Mac Margolis vai questionar o desenvolvimento que o Brasil terá com um novo Presidente. Charles Vanhecke já escreveu sobre as possibilidades de hiperinflação e a situação crítica da economia que o Presidente encontrará.

— O Governo não pagou os juros da dívida com os bancos privados em dezembro e, em março, estará devendo quatro ou cinco milhões de dólares. Para piorar, ainda existe o déficit público.